

1º lugar - Jornalismo Impresso: Revista Globo Rural

Sebastião Nascimento, Cassiano Ribeiro, Raphael Salmoão e Venilson Ferreira

11º Prêmio
OCEPAR 2014
de Jornalismo

A PALAVRA DO CAMPO

GLOBORURAL

globorural.globo.com

ISSN 0102-6178

00359



9 770102 617000

SETEMBRO 2015 | N° 359 | R\$14,00

CARGA TRIBUTÁRIA FEDERAL APROXIMADA 4,65%



Márcio Owsiany,
avicultor em
Cascavel,
no oeste do
Paraná, que está
ampliando as
suas instalações



ENTREVISTA
LYGIA PIMENTEL
Pecuária
cresceu 25%
em dez anos

PRAGA NAS
OLIVEIRAS
Produção de
azeite na Europa
despenca

RU RAL
Assista na TV
a esta reportagem,
domingo, 13/9, às
8h; na Globo News,
às 9h05

COMO
PREPARAR O
SUCCESSOR
Quem vai ficar
no seu lugar?

Xô, crise!

No Paraná, produtores rurais investem em aviários e cooperativas oferecem empregos para exportar mais frangos. Mato Grosso se prepara para plantar nova supersafra de soja. O campo cresce com as próprias pernas e dá lição de otimismo

Iniciativa



Patrocínio



Apoio





As
lições do
agronegócio

Márcio
Owslany,
avicultor em
Cascavel

Cidades que investem no frango

Produtores do oeste do Paraná ampliam seus aviários para atender à demanda crescente por aves das cooperativas

Texto **Sebastião Nascimento** * Fotos **Marcelo Min**, de Cascavel (PR)

31%

dos frangos produzidos no Brasil saem de granjas do Paraná. No total, o Brasil produz 13,2 milhões de toneladas

Era intensa a movimentação no sítio do avicultor Marcio Owsiany no dia 13 de agosto passado. Encravada nas montanhas de Cascavel, região oeste do Paraná, a propriedade aguardava a chegada dos caminhões para transportar cerca de 70 mil frangos para ser abatidos no frigorífico da Cooperativa Agroindustrial de Cascavel (Coopavel), bem perto dali. As aves estavam alojadas havia 42 dias para a engorda. O frenesi é constante a cada dois meses, pois os lotes são engordados num período de 45 a 48 dias. Depois, há um espaço de duas semanas para limpeza e sanitização do alojamento – e tudo recomeça.

A agitação vai aumentar. Marcio, de 40 anos, sangue polonês na veia, está pronto para acrescentar mais um aviário aos três que já funcionam, elevando a capacidade de produção para 100 mil aves. "Estou ajustando o caixa ao aumento abusivo do preço da energia elétrica para incrementar a produção. Temos indicações seguras de que as exportações de carne de frango estão batendo recordes, e esse cenário deve perdurar por anos", diz.

O dia a dia corrido na granja de Marcio retrata a fase otimista do agronegócio naquela região, em contraponto ao desânimo que reina nas grandes cidades do país. As palavras correntes em Cascavel são investimento e esperança. Lavouras de grãos, como milho e soja, e produção de carnes, principalmente a de frango, batem recordes, geram renda e injetam ânimo nas pequenas propriedades rurais, geridas por famílias, com reflexo positivo no comércio urbano.

"Até o momento, seguimos na contramão da crise. O agronegócio vai bem e continua ajudando o comércio na cidade", diz Alci Lúcio Rotta Júnior, presidente da Associação Comercial e Industrial do município. "No primeiro semestre do ano, enquanto as demissões de trabalhadores assustavam o país, Cascavel criou 1.600 empregos, a maioria na agroindústria", diz. Poderosas no Paraná, as cooperativas anunciam altos investimentos na construção de avi-

ários, plantas frigoríficas e logística, visando suprir a demanda forte por carne de frango, cujas exportações são superadas a cada mês. "Não há crise em nosso setor. A avicultura está se firmando como um dos pilares da economia nacional, e o Paraná assume a liderança", diz Dilvo Grolli, presidente da Coopavel, cooperativa que faturou R\$ 1,6 bilhão em 2014 e espera chegar a R\$ 1,8 bilhão este ano, com crescimento de 9%. Com 26 filiais instaladas em 17 municípios da região oeste e sudoeste do Paraná, a Coopavel reúne 4.398 associados e 5.169 colaboradores diretos. Cerca de 75% do faturamento da Coopavel vem da agroindústria, que tem produtos comercializados em todo o país e exporta alimentos para América do Sul, Europa, Oriente Médio e Ásia.

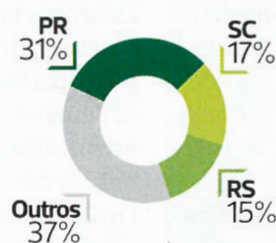
O presidente revela ainda que o investimento da cooperativa vai emplacar R\$ 290 milhões no triênio 2014-2016, um dos maiores já contabilizados para um período de três anos. "Esse valor implica na criação de 1.600 novos empregos", informa.

Cooperado da Coopavel, Marcio Owsiany também está investindo em seu aviário. Ele conseguiu um importante aliado para o seu projeto de expansão: seu irmão Edson se tornou sócio da propriedade, após ser demitido do cargo de executivo de uma fabricante de pneus em Cascavel. Edson resolveu aplicar boa parte do dinheiro da indenização na avicultura. "Em futuro próximo, desembarco por aqui definitivamente", afirma.

Marcio diz que a parceria com a cooperativa é fundamental para o êxito da atividade. "A Coopavel fornece os pintinhos, dá assistência veterinária e técnica e depois vem buscar o frango pronto para o abate. Responde ainda à necessidade de verba para investimento na propriedade com juros abaixo dos de mercado", afirma. Para o avicultor, é decisivo o gabarito dos profissionais da cooperativa para enfrentar a competitividade acirrada e desigual do mundo dos negócios. "Fica compli-

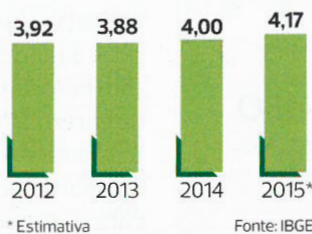
Paraná é o maior produtor

A produção brasileira de frangos é de 13,2 milhões de toneladas



Volume exportado

(em milhões de toneladas)



As Lições do agronegócio



Dilvo Grolli,
presidente da
Coopavel



cada a sobrevivência do produtor independente nos dias atuais."

Marcio recebe, em média, R\$ 0,60 por frango entregue à Coopavel. "A margem diminuiu, principalmente por conta da alta no preço da energia elétrica", diz. A alimentação mais barata das aves dá equilíbrio. A produção de milho é recorde no Paraná nesta temporada. O Estado colheu 15,6 milhões de toneladas nesta temporada, com produtividade de 6.438 quilos.

Para o Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Paraná (Sindiavipar), o desempenho francamente positivo do setor também se deve ao status sanitário do produto brasileiro. "O Brasil continua fornecendo uma carne livre de quaisquer enfermidades, enquanto os Estados Unidos sofrem com o recente surto de gripe aviária", diz Domingos Martins, presidente do Sindiavipar.

Ao longo das estradas vicinais da região de Cascavel, é comum avistar aviários sendo construídos. É que, paralelamente às exportações crescentes de carne de frango, o consumo interno também aumen-

ta, estimulando as ampliações e a modernização das granjas. Carne barata, o frango é acessível ao bolso do brasileiro. O consumo *per capita* no país hoje é de 42,7 quilos, ficando acima da carne bovina (38 quilos) e da suína (14 quilos), e pode chegar a 45 quilos *per capita* este ano, segundo as previsões do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

A produção de carne de frango no Paraná, principal Estado exportador do produto, deve crescer cerca de 6% em 2015, segundo estimativas do Sindiavipar. Domingos Martins diz que os frigoríficos e aviários do Estado ainda podem elevar a produção dentro da capacidade já instalada em cerca de 10%. O Paraná responde por mais de um terço das exportações de carne de frango do Brasil, mas, com os investimentos que estão sendo realizados, pode chegar a responder por metade das vendas externas brasileiras do produto. Em 2014, o Estado abateu 1,5 bilhão de aves. De janeiro a julho deste ano, o volume de aves abatidas chega a 953 milhões.

De janeiro a julho deste ano, o Brasil já embarcou para o exterior 2,392 milhões de toneladas de carne de frango, marca histórica que supera em 5% o volume exportado em igual período de 2014. A receita apurada nesse período, de US\$ 4,1 bilhões, é 7% inferior à do ano passado. Pelas estimativas da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o país pode encerrar 2015 com exportação de 4,3 milhões de toneladas – 4% mais que em 2014 –, favorecido pela ocorrência da gripe aviária em mais de 30 países produtores. Por conta desse desempenho, as unidades da



“Sempre acreditei no futuro da avicultura”

ROSA DE JESUS

1,8 bilhão
de reais é a
previsão de
faturamento da
Coopavel para
2015 – R\$ 200
milhões mais que
no ano passado

Coopavel estão a todo vapor. "No rol dessas notícias favoráveis, o câmbio também ajuda as exportações", diz Grolli. "A receita dos sete primeiros meses do país superou os R\$ 12,7 bilhões, apresentando expansão de 22% em reais em comparação a igual período de 2014." Segundo o dirigente, o dólar, cotado a R\$ 2,65 em dezembro passado, vale hoje R\$ 3,50.

Os destinos do frango brasileiro já somam 150 países, entre eles China, Japão, Holanda, Alemanha, Espanha, Inglaterra, África do Sul, Catar, Bahrein, Emirados Árabes Unidos e Romênia.

Em julho último, os navios partiram mais abarrotados. Conforme levantamentos da ABPA, foram embarcadas 447.200 toneladas, um salto de 17,3% sobre o mesmo mês de 2014. Foi a primeira vez que o Brasil superou a marca de 400.000 toneladas em um único mês. A receita, em reais, estabeleceu outra conquista histórica: R\$ 2,488 bilhões, ou 42% maior em relação a julho de 2014.

"O cenário promissor leva as cooperativas paranaenses a não dosar investimentos. Elas ganham novos avicultores, os quais, por sua vez, erguem alojamentos ou então modernizam suas instalações, abrem plantas de abate e oferecem emprego a centenas de trabalhadores", diz Grolli.

Vaga para haitianos

Somente a Coopavel abriu 364 vagas de janeiro a junho. Segundo Grolli, a cooperativa continua contratando, por conta da expansão articulada. No total, a empresa tem um quadro de 5.500 funcionários hoje, e 800 deles são haitianos que chegaram a Cascavel em busca de abrigo e trabalho. Para Grolli, "nesse ritmo veloz e seguro", a Coopavel deverá abater 300 mil aves ao dia no fim de 2016, 100 mil a mais que hoje. O número de aviários – 530 hoje – deverá crescer para 610 até o final do próximo ano.

Eliceo Edito Panno, gaúcho de sangue italiano, passou 30 de seus 51 anos de idade trabalhando em um banco. Em outubro de 2013, ele deixou a instituição financeira e colocou para funcionar o aviário que construía desde 2011 no Sítio Santo Antonio, em Braganey, próximo a Cascavel.

Investiu parte do dinheiro amealhado ao longo da vida na construção de dois aviários com capacidade para alojar 24.500 aves e está satisfeito. Segundo Eliceo, 2015 está sendo um ano bom para os negócios e ele acredita que o "cenário tranquilo" irá se estender pela próxima década. "O frango é uma comida de preparo rápido e é barato", diz. Igual a outros aviculto-

res, o incremento da produção está nos planos de Eliceo. Em um período de dois anos, ele pretende erguer mais dois alojamentos. Está investindo também na modernização da atividade. "Coloquei um gerador próprio no sítio. A falta de energia agora não é mais problema", diz. "É um passo importante, pois o alojamento é controlado termicamente e o calor forte pode matar os frangos."

Do alto de sua experiência de 71 anos, Rosa Maria de Jesus é professora aposentada e já foi dona de loja de material de construção. Hoje, toca um aviário num sítio de 11 alqueires na cidade de Iguatu, também no oeste do Paraná.

"Sou muito feliz aqui. Investi bastante porque sempre acreditei que a carne bovina ia ficar cara e a de frango ainda tem um pouco de rejeição," diz ela, que montou três aviários e está produzindo 55 mil aves. Em breve, ela inaugura novo alojamento e a produção salta para 80 mil frangos.



Chinês gosta de asinha cozida

A China, sempre ela. "Se deixar, o país asiático importa toda a nossa produção de asinhas de frango. Ele sempre pede mais", diz Dilvo Grolli, da Coopavel. Os chineses apreciam muito a iguaria cozida. A carne fica tenra e

saborosa. "E lá tem 1,3 bilhão de bocas", lembra o presidente. Segundo Grolli, esses subprodutos do frango tinham pouco mercado ou até eram descartados. "Hoje, estão reforçando o caixa da Coopavel, que vende 600 toneladas ao ano."



85
bilhões de reais
é quanto as
cooperativas do
Paraná projetam
faturar em 2021,
quase o dobro de
hoje, segundo a
Ocepar

Uma década de expansão

Com receita de R\$ 43,5 bilhões em 2014, as cooperativas do Paraná planejam dobrar de tamanho em até seis anos

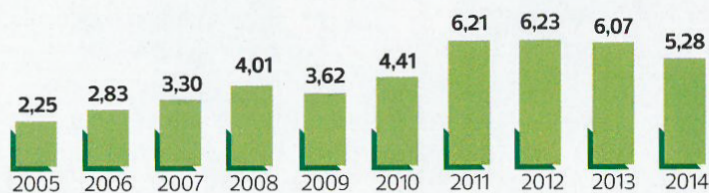
Texto **Cassiano Ribeiro** e **Sebastião Nascimento**

Elas possuem 139.633 sócios e faturam R\$ 43,5 bilhões. As 74 cooperativas agropecuárias do Paraná são referência em cooperativismo, setor que sozinho vem exportando mais de US\$ 5 bilhões ao ano no Brasil. As paranaenses lideram o ranking nacional, sendo responsáveis por mais de um terço do total de mercadorias embarcadas pelas cooperativas brasileiras ao exterior. Mesmo com uma queda nos preços médios das commodities agrícolas, o setor espera novo avanço este ano. A Ocepar, sistema que reúne as coopera-

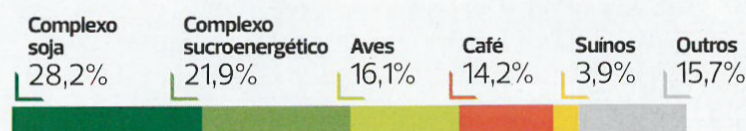
tivas do Paraná, acredita que o faturamento de 2015 deve chegar a R\$ 47,5 bilhões. "O valor consolidado no primeiro semestre, de R\$ 28,1 bilhões, foi 10% superior ao de igual período do ano passado", afirma o assessor econômico da entidade, Gilson Martins. Pelas projeções da Ocepar, o cooperativismo paranaense dobrará de tamanho em cinco anos, com faturamento estimado em R\$ 85 bilhões, considerando as unidades do agronegócio. Ao todo, o setor deve chegar a R\$ 100 bilhões.

Em 2015, as cooperativas paranaenses completam uma década de crescimento ininterrupto. Em dez anos, os investimentos do segmento foram vultosos, superiores a R\$ 12 bilhões. "A gente espera que nos próximos anos a fase positiva continue com a maturação e geração de receita de outros novos projetos", diz Martins.

Exportações brasileiras das cooperativas (em R\$ bilhões)



Participação de produtos exportados (2014)



Fontes: Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)

Investimentos

Só neste ano, as gigantes da economia paranaense devem erguer novos empreendimentos que totalizarão R\$ 2,34 bilhões. No Brasil, o valor deve chegar a R\$ 10 bilhões, conforme estimativa da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). "Apesar de algumas dificuldades que surgiram, acreditamos que as cooperativas vão manter o patamar de investimento dos últimos anos. As linhas de crédito ajudam, mas grande parte ainda é de recursos próprios", afirma Márcio Lopes de Freitas, presidente da OCB.

Os aportes financeiros têm como destino projetos de verticalização da produção. No Paraná, até



parques para geração de energia eólica devem começar a sair do papel no próximo ano. Nas últimas cinco safras, as cooperativas do Estado fizeram surgir nos campos e cidades ao menos duas indústrias por ano, em média. São frigoríficos de frangos e suínos, moinhos de trigo, fábricas de suco de laranja ou de ração animal.

Com a expansão do parque fabril, as empresas conseguem industrializar atualmente 42% dos 27 milhões de toneladas produzidas pelos cooperativistas paranaenses. Mais que transformar matérias-primas em produtos finais para os consumidores, as empresas impulsionam a economia, geram renda, empregos e qualidade de vida. "Onde tem cooperativa, tem desenvolvimento humano", resume Martins. Na opinião de Dilvo Grolli, presidente da Copavel, o número de pequenas propriedades – 90% do total – é a alavanca para o crescimento. "Solidariedade e gestão moderna e competente dão o tom. Alimentação mais em conta dos rebanhos e logística razoável também ajudam", diz Grolli.

Além da fronteira

O Paraná ficou pequeno para as cooperativas. Com a limitação territorial, as empresas estão buscando expansão da área plantada em outros Estados e fora do Brasil. Duas cooperativas (Lar e C. Vale) apostam no Paraguai. Outras ampliam ou inauguram operações em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, São Paulo e até no Tocantins, um dos Estados que compõem a nova fronteira agrícola do Brasil.

O cooperativismo de crédito, atualmente o que

mais cresce em número de associados, também vai muito além do Paraná. Essa modalidade já movimentava cerca de 3% de todo o volume financeiro circulante no país. Apesar da pequena participação, o setor é o segundo em número de postos de atendimento. Entre os diferenciais, além dos juros inferiores aos dos grandes bancos, está a participação dos correntistas nos lucros das empresas no final de cada ano, já que nesse negócio todos são sócios, e não clientes.

Renato Greidanus, presidente da Frisia, e suínos em granja associada à cooperativa no Paraná



O trio de quase R\$ 1 bilhão

Castrolanda, Capal e Frisia, antiga Batavo, são as responsáveis por alguns dos maiores investimentos no setor cooperativista paranaense. Juntas, as três gigantes do setor de grãos, lácteos e carne planejam gastar R\$ 712 milhões em novos empreendimentos entre 2015 e 2016. No ano passado, o trio faturou R\$ 4,3 bilhões.

No foco das três cooperativas, todas de imigrantes holandeses e instaladas na região dos Campos Gerais (centro-sul do Paraná), estão a industrialização e o beneficiamento de grãos e carnes, a logística e a geração de energia. O mais recente investimento está numa unidade produtora de leitões (UPL) da Frisia, em Carambeí. Com custo de R\$ 40 milhões, a estrutura tem capacidade para alojar 5 mil matrizes e entregar 150 mil animais aos associados, que cuidarão da terminação. O potencial de produção é de 17.250 toneladas ao ano. "Traremos para dentro dessa nova fase da empresa 35 novos produtores. O recurso terra é um bem finito, por isso precisamos vertilizar a produção e buscar alternativas para manter os filhos na propriedade e perpetuar o trabalho que os avós e bisavós deles começaram", diz Renato Greidanus, presidente da Frisia.

© DIVULGAÇÃO

As
lições do
agronegócio**7,2**
bilhões de dólares

É a previsão do faturamento com as exportações brasileiras de carne bovina em 2015, segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), valor igual ao de 2014. Os embarques para China e Arábia Saudita devem aumentar este ano

Pecuária reforça o confinamento

Projeções são de crescimento de 5,6% no alojamento, para 4,756 milhões de bovinos

Texto **Sebastião Nascimento**

Um dos maiores confinadores de gado do país, Alexandre Parise, cujo empreendimento fica na cidade de Santa Helena de Goiás, deverá engordar 40 mil cabeças por esse sistema neste ano. "É um volume superior ao do ano passado", afirma Parise. Segundo ele, a quantidade evoluiu porque o leque de trabalho na unidade foi ampliado, dando chance também para abrigar animais de outros clientes. É o chamado boitel.

A Associação Nacional de Confinadores (Assocon) calcula que seus 85 associados deverão confinar 769.600 animais neste ano – número 5% maior que em 2014. A intenção, em fevereiro último, era fechar com até 7% a mais, porém, o alto preço do gado de reposição, principalmente bezerras, fez a previsão refluir levemente. "Importante ressaltar que o setor vai bem. O crescimento é orgânico, pois o confinamento tem evoluído a cada ano", observa Bruno Andrade, superintendente da Assocon.

Animais em confinamento em fazenda em Santa Helena de Goiás

O número de 769.600 animais diz respeito somente às plantas dos associados da Assocon. Segundo levantamento da consultoria Informa Economics FNP, de São Paulo, divulgado no mês passado, o volume total do país em 2014 foi de 4,490 milhões de cabeças e a previsão para o ano corrente é subir para 4,756 milhões.

Alexandre Parise, do confinamento de Goiás, informa que os custos neste ano estão um pouco superiores aos do ano passado: "Tivemos aumento na cotação de alguns insumos e nos custos operacionais". De outro lado, o valor de venda da arroba está recompensador. "O ponto de atenção está no custo das arrobas de entrada, que, em geral, estão maiores do que o valor de venda", pontua o confinador.

Em Mato Grosso, onde a ração do gado é mais barata, devido à fartura de grãos como o milho, a intenção de confinamento deve superar em 24% o total do ano passado. Se a projeção for confirmada, os pecuaristas do Estado devem confinar 789.660 cabeças, em comparação às 636.660 de 2014. Os cálculos são do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) e foram preparados a pedido da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat).

A capacidade estática dos confinamentos de gado em Mato Grosso também aumentou, alcançando o maior índice dos últimos seis anos, com 895.530 cabeças – um acréscimo de 6% em relação à capacidade de 2014, que foi de 846.430 animais.

Essa elevação deve fazer com que a capacidade estática fique próxima à observada em 2013 (891.430 cabeças), a maior registrada até agora.

Segundo a Acrimat, esse aumento da capacidade estática mostra que os confinadores estão otimistas com a atividade, apesar da elevação dos custos.

ERNESTO DE SOUZA/ED.GLOBO

As
lições do
agronegócio

Campeão de produtividade

Com fórmula que prioriza produtos naturais, agricultor bate recorde e colhe 42 toneladas de soja em 5 hectares

Texto **Cassiano Ribeiro**, de Ponta Grossa (PR)

“Essa noite nem dormi. Fiquei pensando na cama, bem louco, no que vou fazer na próxima safra. Levantei para anotar e não esquecer. Mas não vou revelar, porque meus concorrentes vão copiar as minhas ideias.” A fala com sotaque sulista carregado vem da região dos Campos Gerais, no Paraná. É de um piá, como se diz por essas bandas. Alysson Hilgemberg, de 30 anos, é um aficionado de produtividade.

A Fazenda São Bento, administrada pelo jovem há oito anos, na safra passada ficou conhecida em todo o Brasil. A proeza de Hilgemberg foi colher nada mais nada menos que um bitrem de soja numa área com 4,99 hectares. Do talhão saíram 42,3 toneladas. A produtividade foi de 141,59 sacas por hectare (8.460

quilos), volume quase três vezes superior à média nacional, de 50,2 sacas. Em termos de área, seria preciso mais de 14 hectares para ter a mesma quantidade colhida pelo paranaense. O feito rendeu a ele o título de campeão nacional de produtividade da soja pelo Cesb (Comitê Estratégico Soja Brasil) e uma viagem técnica aos Estados Unidos como prêmio.

Agrônomo, Hilgemberg é conhecido no comércio da região como um daqueles sucessores natos,apai-

xonado pelo negócio iniciado por seus pais. Em vez de comprar caminhonetes caras, ele investe no trabalho e em máquinas potentes e modernas para a lavoura. Desde que assumiu o comando da propriedade da família, ele vem testando novas fórmulas, aliando produtividade à sustentabilidade.

A receita para se alcançar resultados fora do normal inclui a atenção com o solo, que precisa ser “construído aos poucos”, aponta o jovem. Além do plantio direto, adotado há 30 anos, na Fazenda São Bento a ordem é usar menos químicos e mais produtos naturais. “Substituí a adubação química por esterco. Só na última safra foram 10 toneladas por hectare e apenas 100 quilos de fertilizante químico. O investimento foi de R\$ 600 por hectare, mas, se fosse usar adubo químico em tudo, certamente gastaria três vezes mais. Também quase não uso glifosato”, conta.

O alicerce da produtividade, segundo ele, deve ser primeiramente a elaboração do diagnóstico profundo de toda a área produtiva. Com isso, é possível dar à terra e às plantas todos os nutrientes deficitários. “Quando fizemos análise do solo, vimos que era preciso uma quantidade grande de cálcio. A estratégia que adotei foi usar 3.000 quilos por ano. Faz quatro safras que jogo e vou ter de aplicar mais umas três para chegar ao ideal. Também venho usando, há duas safras consecutivas, 100 quilos de fósforo (à base de algas) por hectare. Potássio não usei durante seis anos e, na safra passada, apliquei 150 quilos por hectare de cloreto de potássio nesse talhão vencedor”, diz.

Mesmo após a façanha de colher o maior volume de soja no Brasil, Hilgemberg não para de sonhar e estudar. Em média, dedica-se a pesquisas duas ho-

A receita de Alysson

Tipo de solo > latossolo franco-arenoso

Ciclo da semente > 135 dias (precoce)

População > 320 mil plantas/ha (15 por metro, espaçamento de 50 cm)

Rotação de culturas > milho/soja/feijão

Plantio direto? sim, há 30 anos

Correção do solo > 3 toneladas de calcário/ha por três safras

Adubação > 100 kg de fósforo por ha + 10 toneladas de esterco/ha + 150 kg de cloreto de potássio/ha

Tratamento de semente > fungicida + inseticida + micros na semente

Custo total > R\$ 3.600 por hectare

Chuva na safra > 1.690 mm



ras por dia. Entre suas fontes estão universidades dos Estados Unidos. E, diferentemente de boa parte dos agricultores, não quer saber o que os vizinhos estão fazendo. "O que dá certo para mim pode não dar certo para os outros, e vice-versa. Meu objetivo é bater o recorde mundial, de 179,3 sacas por hectare", revela.

Ele espera superar o dono do título global, cujo nome está na ponta da língua do paranaense: Kip Kuller, do Missouri (Estado do Meio-Oeste dos Estados Unidos). Outro viciado em alta produtividade, o americano retirou da lavoura o equivalente a 179,33 sacas por hectare na safra 2009/2010. O detalhe é que, diferentemente do brasileiro, o americano conseguiu o resultado em uma área irrigada. A média geral obtida por Hilgemberg nos 600 hectares

cultivados com soja na safra 2015/2016 foi de 90 sacas por hectare, volume oito sacas maior que no ciclo anterior, que fechou em 82 sacas. Vale observar que a fazenda de 1.000 hectares dos Hilgemberg está numa região que tem um dos solos mais produtivos e caros do Brasil. Um hectare chega a custar R\$ 70 mil. E já consagrou outros três produtores de soja como campeões nacionais.

A produtividade média da soja brasileira na última safra foi a segunda mais alta da história: 3.012 quilos por hectare, o equivalente a pouco mais de 50 sacas por hectare. O volume ficou 72% acima da média registrada na temporada 1976/1977, a primeira da série histórica divulgada pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Alysson Hilgemberg na Fazenda São Bento e seu trator de última geração



Os melhores da soja

Safra 2014/2015

1º Fazenda São Jorge

141,79 sacas/ha

Produtor: Vilson e Alysson Hilgemberg
Ponta Grossa (PR)

2º Fazenda Jaguarundy

127,17 sacas/ha

Produtor: Arthur Exley Edwards
Ponta Porã (MS)

Fonte: Comitê Estratégico Soja Brasil (Cesb)

Média Brasil: 50,2 sacas/ha



3º Fazenda Calabilú

122,99 sacas/ha

Produtor: Elizana Baldissera Paranhos
Capão Bonito (SP)

4º Fazenda Gaio

112,44 sacas/ha

Produtor: Rui Luiz Gaio
Correntina (BA)



As
lições do
agronegócio

246

milhões de reais
serão investidos
pelo Grupo JBS
em unidades de
processamento
de frangos,
incubatórios e
fábricas de ração

Na rota da agroindústria

A paulista Itapetininga diversifica os empreendimentos, que vão da produção de leite às embalagens e defensivos

Texto **Luiz Antonio Cintra** * Fotos **Fernando Martinho**, de Itapetininga (SP)





Lemos, da Castrolanda (à esq.), e o engenheiro florestal Orlando Freire Neto

A menos de 180 quilômetros da capital, São Paulo, a 150 de Campinas e a 73 de Sorocaba, Itapetininga se beneficia de sua posição estratégica e acesso fácil às rodovias Castelo Branco e Raposo Tavares. Pequena em população, com cerca de 150 mil habitantes, tem a terceira área total no Estado, o que lhe permite gerar o maior PIB estadual agro e o nono do país.

O clima ali, claro, não é de euforia como em 2011, quando chegou a crescer 16%. Mas o futuro é encarado com otimismo, principalmente por quem tira o sustento dos vários ramos do agronegócio da região. A lavoura, a criação, o abate de aves e a agroindústria têm permitido a Itapetininga manter os sonhos acesos, festejando o saldo de 666 novas vagas, acumulado entre janeiro e junho. Na vizinha e industrial Sorocaba, o balanço é negativo.

A oferta generosa de água, o clima em geral ameno, a topografia sem declives acentuados e a ampla área agriculturável ajudam a explicar o ritmo acelerado do agro na cidade.

No Hotel Iporã, a maioria dos hóspedes trabalha em firmas como BASF, Syngenta e Tetra Pak. Além de agrônomos de várias partes do Brasil e mesmo do exterior. "De segunda a sexta, é difícil achar lugar no hotel, os 60 quartos estão quase sempre ocupados", diz um satisfeito recepcionista.

Há quase um ano instalada na cidade, após um investimento de R\$ 145 milhões em uma usina de beneficiamento de leite, a cooperativa paranaense Castrolanda (Castro), em parceria com as conterrâneas Frísia/Batavo (Carambei) e Capal (Arapoti), consolida a operação que recentemente, durante uma feira, atraiu visitantes interessados nos equipamentos de ponta existentes na unidade.

"Aqui é um entroncamento rodoviário que nos liga direto aos nossos principais mercados. A mão de obra também é muito boa, com a vantagem de o mercado não ser tão concorrido como o de Sorocaba", diz Edmilton Lemos, superintendente de operações lácteas da Castrolanda.

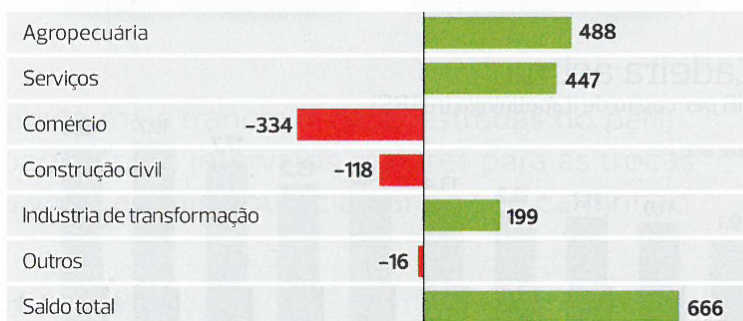
A usina da Castrolanda, com cerca de 300 funcionários, funciona "non stop" nos 41.000 metros quadrados de área construída. Beneficia diariamente cerca de 850.000 litros de leite UHT, meta que havia sido estabelecida para o fim do segundo ano de operação. "Se tudo correr bem, em um ano contrataremos mais 30% de pessoal", diz Lemos.

O negócio uniu produtoras de peso à tecnologia dos equipamentos da sueca Tetra Pak. E recolhe menos imposto, por beneficiar e vender o leite no território paulista, não mais no Paraná. "A prova de que estávamos certos é que agora a Danone anunciou a intenção de vir para cá também", diz Lemos.

De fato, em junho passado, a concorrente francesa formalizou a intenção de investir em Itapetininga. Ao anunciar a compra de uma área na cidade, infor-

Na contracorrente

Saldo de vagas em Itapetininga (janeiro a junho de 2015)



Fonte: Prefeitura Municipal de Itapetininga



As **lições** do agronegócio



MAIOR PRODUTORA NACIONAL DE GRAMA, REGIÃO TEM 5.000 HECTARES CULTIVADOS

O secretário municipal Hélio Simões (à dir.) e o produtor de gramas Lázaro Rocha

mou às autoridades estaduais que pretende investir R\$ 150 milhões em uma unidade de 250 funcionários. No fim do ano passado, outro investimento movimentou Itapetininga: a compra do Frigorífico Céu Azul, especializado no abate de aves, pelo Grupo JBS. Um investimento total de R\$ 246 milhões, em duas unidades de processamento de frango, três incubatórios e duas fábricas de rações.

Habilitadas para exportação, as duas unidades, uma em Itapetininga e outra em Guapiaçu, próximo de São José do Rio Preto, têm capacidade de abater 330 mil aves por dia. A produção tem seguido quase toda para fora, agora impulsionada pela alta do dólar.

São notícias como essa que mexem com os brios de Itapetininga, como deixa transparecer o secretário de Desenvolvimento e Emprego da cidade, Hélio Simões Júnior.

Itapetininga ostenta ainda outro título: a primeira colocação na produção de grama no país, hoje um negócio que ocupa 5.000 hectares na região. Consta que algumas partidas da Copa ocorreram em pisos saídos de fazendas da cidade. Como a de Lázaro Rocha, produtor há 25 anos.

Bom negócio hoje, diz Rocha, é fornecer uma fatia dos gramados que acompanham as rodovias do país. Uma partida para essa finalidade, de 300.000 metros quadrados, vale R\$ 600 mil. Ainda assim, o empresário reclama, mesmo admitindo que ainda dá para ganhar dinheiro, tanto que seus seis filhos estão no ramo.

Da Estação Experimental Barro Branco, pertencente ao governo estadual, já saíram centenas de mudas de *Pinus elliottii*. Colhida como o látex da seringueira, a resina desse pinheiro é viscosa, grudenta, o cheiro lembra cânfora. Derivados dessa resina são usados pela indústria de tintas, corantes, desodorantes, gomas de mascar, produtos de limpeza, defensivos, entre vários outros usos.

Em setembro, a estação leiloará três lotes para a exploração, pela iniciativa privada, num total de 700 hectares, para a extração de resina. "O rendimento é muito bom, chega a R\$ 2.900 por hectare", diz o engenheiro florestal Orlando Freire Neto, chefe da estação, que defende o uso do pínus originário dos EUA como boa fonte de renda e trabalho.

Ladeira acima

PIB per capita de Itapetininga (mil R\$)

Fonte: IBGE





As
lições do
agronegócio

95,6
bilhões de reais
foram injetados
na economia
brasileira neste
ano com a
comercialização
de mais uma
safra recorde

Safra terá mais troca e dinheiro próprio

Atraso na liberação do crédito rural leva produtores a buscar alternativas para financiar custeio em 2015/2016

Texto **Raphael Salomão**

O atraso na compra dos insumos neste ano, principalmente defensivos e fertilizantes, devido à demora do governo federal na liberação do crédito de pré-custeio, não deve comprometer a produtividade das lavouras na safra 2015/2016. Além de utilizar mais recursos próprios, os produtores rurais estão buscando alternativas de financiamento, como o barter (troca por insumos), para assegurar a compra e a entrega dos insumos antes do plantio.

André Pessoa, sócio-diretor da Agroconsult, observa que a liberação dos recursos oficiais ficou mais forte entre julho e agosto "porque o dinheiro ficou represado". Ele diz que os produtores pegaram o dinheiro, mas somente ao final da safra vão saber

quanto usaram de recursos próprios e barter.

Pessoa explica que o produtor rural normalmente usa seu capital para fazer investimentos, mas agora o recurso próprio foi para o custeio. Não que o agricultor, de um modo geral, tivesse encerrado a safra 2014/2015 com um lucro "excelente", diz ele, lembrando que a rentabilidade da safra de grãos só foi melhor que o esperado por causa da valorização do dólar. "O produtor não ficou tão capitalizado porque o ano foi de preços mais baixos. E o capital próprio tem limite", ressalta.

O financiamento privado deve aumentar nesta safra por meio das operações de barter, pela qual o fabricante vende o insumo ao agricultor e recebe o pagamento de uma trading que adquire o produto agrícola, normalmente soja, milho ou café para ex-

portação. Um exemplo é a multinacional alemã Bayer CropScience, fabricante de sementes e defensivos, que no primeiro semestre deste ano aumentou em 300% suas vendas por meio das operações de barter.

Vale lembrar que, além de resolver um problema de caixa, o barter proporciona mais segurança ao produtor rural, que pode travar antecipadamente o preço e assim ficar menos vulnerável à volatilidade de preços das commodities.

O aumento das operações de troca tem reflexo na comercialização antecipada da safra. Em Mato Grosso, o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) calcula que, até meados de agosto, 29,1% da safra nova da oleaginosa estava vendida – ante 8% na mesma época em 2014.

"Isso mostra que a participação das empresas está aumentando. Vai haver mais barter", diz o diretor da consultoria MBAgro, José Carlos Hausknecht.

Apesar das dificuldades de acesso ao crédito e do atraso nas compras de insumos, o Imea prevê que a área cultivada com soja em Mato Grosso vai crescer 2,06% nesta safra e atingir 9,203 milhões de hectares – nas duas safras anteriores, a área cresceu, em média, 6,5%.

O Imea calcula que, em Mato Grosso, os agricultores terão de desembolsar R\$ 4 bilhões a mais para custear a safra, devido ao aumento de custo. O valor total de R\$ 23,622 bilhões do custeio da soja em Mato Grosso representa 12,58% dos R\$ 187,7 bilhões disponibilizados pelo governo federal para financiar todas as atividades da agricultura empresarial.

O consultor André Pessoa estima que a participação do crédito oficial deve ser menor no financiamento da safra. "A maior parte do crédito rural depende dos depósitos à vista e da poupança, que estão caindo. Ao mesmo tempo, o uso de capital próprio



“O modelo atual de crédito rural bateu no teto”

IVAN WEDEKIN



“A participação das empresas está aumentando”

JOSÉ CARLOS HAUSKNECHT

terá aumento. A parcela das outras fontes deve se manter. O que pode acontecer dentro de cada modalidade de financiamento comercial é o barter, por exemplo, ganhar espaço de outra fonte.”

Na opinião do consultor e ex-secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura Ivan Weдекin, “até o ano passado surfou-se na liquidez dos depósitos à vista e da poupança, mas o modelo atual (*de crédito rural*) bateu no teto, com o baixo crescimento da economia. O produtor deve demandar até 15% a mais de capital de giro”.

Segundo ele, como fontes tradicionais de crédito estão secas, os chamados novos títulos do agonegócio podem ser alternativas importantes para captação de recursos. Regulamentadas por lei em 2004, essas ferramentas, como as Letras de Câmbio do Agronegócio, foram criadas para compor um sistema privado de financiamento do setor.

A sociedade do armazém

Para quem, mesmo diante do cenário de incerteza econômica, vê condições de investir, uma alternativa pode ser o associativismo. Um bom exemplo vem de Palotina (PR), onde produtores de grãos se uniram e formaram condomínios de armazenagem. No município, há pelo menos três. Nesse tipo de empreendimento, os agricultores participantes têm cotas-

parte em silos instalados em terreno próprio, adquirido em conjunto. Os direitos e deveres dos sócios são definidos em contrato e são proporcionais à participação de cada condômino. Investindo juntos em uma só estrutura, o custo é diluído de acordo com cada cota. E a armazenagem própria melhora a gestão na hora de vender os grãos e aumenta a rentabilidade.

© JOSÉ MEDEIROS/ED. GLOBO 2 - FÁBIO CONTERNO/ED. GLOBO

©2





As
lições do
agronegócio

15,8
bilhões de reais
estão previstos
em investimentos
até 2017 com o
programa de
arrendamentos
portuários do
governo federal

Os agricultores
Leivandro e
Fernando Fritzen
em obra na
Transcerrado,
no Piauí

Deixa que a gente faz

Produtores e tradings desembolsam bilhões para viabilizar, ampliar ou melhorar o escoamento de norte a sul do Brasil

Texto **Cassiano Ribeiro**

Legar um caminhão carregado com soja ou milho de uma fazenda ao sul do Piauí até o Porto de São Luís (MA) requer muita paciência e dinheiro. Os veículos podem ficar dias só no trajeto inicial de 150 quilômetros. Apesar de a região estar na fronteira mais promissora ao cultivo de grãos do Brasil, a infraestrutura para escoamento da produção no Estado é uma das mais precárias do país. As principais vias de escoamento da safra são de terra batida. Um areião fofo que em dias de chuva faz atolar dezenas de caminhões. O fluxo de veículos chega a ficar bloqueado por 20 dias em plena colheita. A PI-247, conhecida como Transcerrado, é um dos exemplos mais críticos. Com 360 quilô-

metros de extensão, a rodovia teve pavimentação iniciada há pouco mais de dois anos após licitação do governo local. Mas as obras pararam, exceto em um trecho, na Serra do Quilombo.

Descontentes com a lentidão do asfalto, uma dezena de agricultores se juntou e assumiu a revitalização de 50 quilômetros da estrada. O custo da obra: R\$ 1 milhão. "E não é para fazer asfalto. Estamos só erguendo a rodovia, para ter condições mínimas de passar com os caminhões na próxima colheita", afirma o agricultor Leivandro Fritzen, que preside uma associação de apoio, pesquisa e desenvolvimento na Serra do Quilombo.

A produção de soja ao sul do Piauí vem se expandindo, em média, 10% ao ano. Na safra passada, cer-

ca de 2 milhões de toneladas saíram dos campos do Estado, conforme a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Em volume colhido, é a segunda região que mais cresce no chamado Matopiba, sigla que contempla ainda os Estados do Maranhão, Tocantins e Bahia.

No oeste baiano, outro grupo de agricultores se uniu para investir R\$ 600 mil na melhoria de um trecho de terra da BR-020, que liga as lavouras até uma unidade de armazenamento na região. Dali até Salvador são cerca de 900 quilômetros pela BR-242. Os produtores rurais pagam R\$ 220 por tonelada de soja para transportar as cargas até seu destino. A Bahia lidera a produção de grãos no Matopiba, com uma colheita superior a 8 milhões de toneladas

Casos como os dos agricultores piauienses e baianos são retratos do que acontece em todo o Brasil. A maior parte dos recursos destinados aos projetos de infraestrutura para o escoamento dos produtos agrícolas está saindo do bolso da iniciativa privada. Os maiores investimentos estão na ampliação de capacidade de terminais já existentes e na construção de novas estruturas para embarques em portos ou estações de transbordo de cargas. Entre os investidores estão grupos de produção. A Amaggi, que tem uma das maiores áreas plantadas com soja no Brasil, tem apostado nos negócios de navegação e portos. Sozinho, o grupo de Mato Grosso realiza investi-

mentos de mais de R\$ 400 milhões somente na rota do Rio Madeira, entre Porto Velho e Itacoatiara (AM). A empresa também tem sociedade em um terminal de transbordo em Miritituba (PA).

A Cianport, braço de logística de um dos maiores produtores de grãos da região médio-norte de Mato Grosso, é outra que busca alternativas para o escoamento da colheita e investe mais de R\$ 100 milhões em um terminal em Itaituba e também no Amapá. O objetivo, segundo o diretor da empresa, Jaime Binsfeld, é ter independência logística e fugir das rotas congestionadas e onerosas no Sul e Sudeste.

Ao menos R\$ 7,25 bilhões estão saindo do bolso de empresários somente para viabilizar novos empreendimentos e ampliar as exportações de grãos nos portos de norte a sul do Brasil. O valor considera os projetos executados nos últimos dois anos e os que devem ficar prontos até a colheita da safra 2016/2017. "É o maior projeto de logística planejado e implantado no Brasil e que o governo não teria condições de executar", afirma Renato Pavan, sócio-diretor da Macrologística.

A obra de aprofundamento do canal na região de Barcarena (PA) é outro exemplo citado por Pavan. "A iniciativa privada vai arcar com todo o custo, de R\$ 600 milhões. Com isso, o canal aumentará de 13 para 20 metros a profundidade, permitindo a entrada de navios superiores aos Panamax", afirma.

Investimentos privados em terminais portuários para o agronegócio

(previstos até 2017)



1 Amapá

Investimento:
R\$ 100 milhões

Santana: novo terminal e ampliação de capacidade

2 Rio Madeira

Investimento:
R\$ 400 milhões

Porto Velho (RO): novo terminal
Itacoatiara (AM): ampliação de capacidade

3 Itaituba-Santarém-Barcarena (PA)

Investimento: **R\$ 2,45 bilhões**

Itaituba: cinco Estações de Transbordo de Cargas (ETC)

Santarém: ampliação de capacidade

Barcarena: dois novos terminais e ampliação de capacidade

4 Santos-Sul

Investimento:
R\$ 3,7 bilhões

Santos (SP): novo terminal

São Francisco do Sul (SC): dois novos terminais

5 São Luís (MA)

Investimento:
R\$ 600 milhões

Tegrem: novo terminal e ampliação de capacidade



As
lições do
agronegócio

Contra alta do custo, Mato Grosso **produz mais soja**

Plantio ficou 15% mais caro, mas sojicultor
aposta na tecnologia para garantir lucro

Texto **Sebastião Nascimento**

57 sacas

por hectare é a média de produtividade da soja em Sorriso na safra 2014/2015. Para a próxima temporada, que começa a ser plantada neste mês no norte de Mato Grosso, a previsão no Estado é de produção de 29 milhões de toneladas – um novo recorde

Maior produtor de soja do Brasil, o Estado de Mato Grosso deve estabelecer um novo recorde na safra 2015/2016, que começa a ser plantada neste mês. Projeções do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) preveem que, apesar da incerteza de preços e do aumento nos custos dos insumos, haverá crescimento tanto da área plantada como da produtividade. Assim, a colheita pode atingir 29,07 milhões de toneladas, volume que ultrapassa em 982.000 toneladas o da safra 2014/2015.

Segundo o Imea, a área plantada com a oleaginosa deve aumentar 2,06% em relação à safra anterior. Esse crescimento levará o Estado a semear a maior área de soja de sua história: 9,2 milhões de hectares.

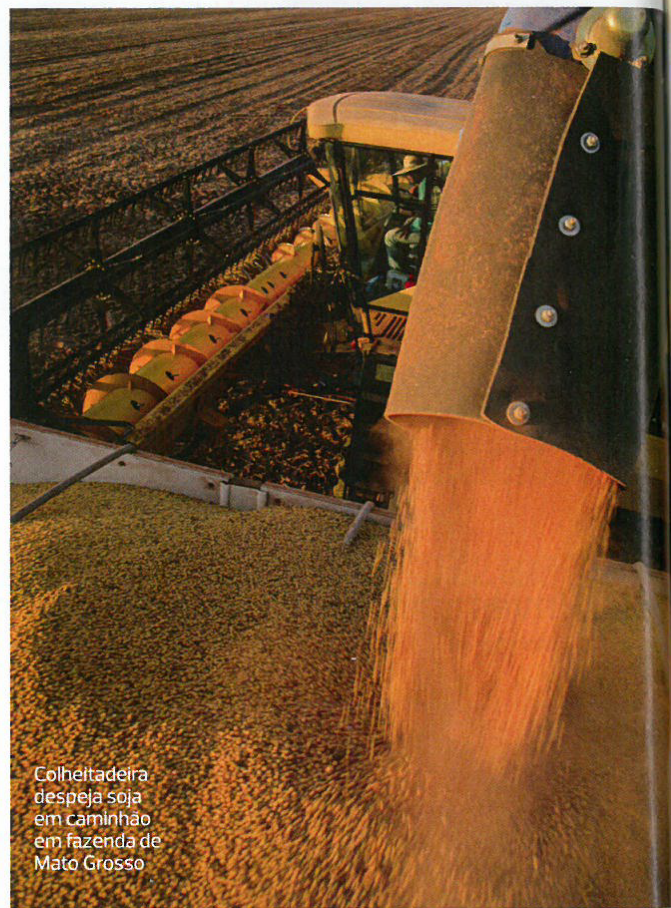
Nesse ritmo galopante, a produtividade igualmente deve ser incrementada, por conta da tecnologia. Ao que tudo indica, o investimento em tecnologia vai continuar ocorrendo no próximo ano e, por causa disso, é esperada uma produtividade de 52,6 sacas por hectare – maior que a do biênio 2014/2015.

Produtor e presidente do Sindicato Rural de Sorriso, Laercio Lenz está otimista em relação à safra 2015/2016, porém, se diz cauteloso quando o assunto são custos e preços.

Ele afirma que o município, maior produtor da oleaginosa no Brasil, deve repetir a área plantada da safra anterior, que foi de 633.000 hectares.

Em Sorriso, no norte de Mato Grosso, não há mais espaço para o crescimento horizontal das lavouras, cenário que leva os sojicultores a investir alto em tecnologia. Para se ter ideia, a produtividade por lá atingiu 57 sacas por hectare em 2014.

A preocupação com a qualidade da soja faz o agricultor pagar mais por fertilizantes e químicos de qualidade, diz Lenz. "Na safra 2015/2016, acreditamos que



Colheitadeira despeja soja em caminhão em fazenda de Mato Grosso

esses preços fiquem de 10% a 15% acima em comparação ao período anterior. O contraponto é a cotação em dólar da saca de soja", afirma. Alguns produtores reclamavam que o crédito oficial não estava chegando até agosto.

Lenz diz que vai repetir a área plantada em sua propriedade na safra 2014/2015, que foi de 860 hectares. O sindicato de Sorriso tem 600 associados. ■